

VIOLÊNCIA E NEGOCIAÇÃO ENTRE OS ATORES NO COTIDIANO DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE ARAÇOIABA DA SERRA/SP

Pedro Luiz Dal Boni¹

Hélio Iveson Passos Medrado²

RESUMO: A pesquisa examina a violência nas instituições escolares, conceitua negociação e postura interdisciplinar, contempla um estudo sobre as violências concreta, simbólica e intermediária, produzidas no cotidiano das instituições escolares públicas de ensino fundamental e médio no município de Araçoiaba da Serra-SP. Destacamos as violências reproduzidas pela escola e seus agentes – professores, diretores, alunos e funcionários. Partimos do pressuposto que não existe uma violência, mas um conjunto de violências que precisa ser contextualizado. Nucleada por abordagens interdisciplinares, a pesquisa se propõe a examinar a habilidade dos atores do cenário escolar em negociar com os atos de violências no ambiente escolar. Bourdieu, Charlot, Foucault, Maffesoli constituem fortes referenciais teóricos metodológicos; Tocqueville subsidia nossas reflexões a partir da concepção que conflitos são inerentes a qualquer organização social e, sempre existiram formas pacíficas de encaminhamento de soluções. Portanto, a violência é passível de negociação. Na pesquisa, discutimos a dificuldade da conceituação sobre violências concreta, simbólica e intermediária, pois se trata de um termo polissêmico, e defendemos que toda e qualquer forma de violência deve ser contextualizada, sob pena de incidirmos numa limitação conceitual. Examinamos os resultados dos questionários aplicados nas treze escolas públicas do município de Araçoiaba da Serra - SP e as certezas provisórias apontaram que existe negociação com os atos de violências ocorridos nas escolas, contrariando a tese de que as instituições escolares no Brasil se utilizam de corretivos violentos (medidas disciplinares) no trato com a violência.

PALAVRAS-CHAVE: Cotidiano escolar. Negociação. Violência escolar.

1 Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba.

Email: pedrodalboni@ig.com.br

2 Doutor em Educação e Ciências Políticas pela Universidade Sorbonne Nouvelle. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação e Coord. do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Poder e Disciplina nas Instituições Escolares de Sorocaba – PODIS da Universidade de Sorocaba – Uniso.

Email: helio.medrado@prof.uniso.br

Recebido em: abril/2010

Avaliado em: abril/2010

VIOLENCE AND NEGOTIATION BETWEEN ACTORS IN DAILY ROUTINE AT PUBLIC SCHOOLS IN ARAÇOIABA DA SERRA/SP

ABSTRACT: This research examines violence (concrete, symbolic and intermediary) within schooling institutions, evaluates negotiation and indisciplined posture. It contemplates public schools in the city of Araçoiaba da Serra, in the state of São Paulo, highlighting violence produced by the school and its agents: teachers, principals, pupils and general employees. We assume there is not a single violence but a combination of violent acts that needs to be contextualized. Taking that violence is susceptible to negotiation, we analyze, a series of questionnaires applied to thirteen in Araçoiaba da Serra and show, through the results collected, that rather than punishment (disciplinary methods), schools are making use of negotiation when dealing with violence.

KEY WORDS: School quotidian. Negotiation. School violence.

DE INÍCIO

Esse trabalho contempla um estudo sobre as violências concreta, simbólica e intermediária produzidas no cotidiano das instituições escolares públicas de ensino fundamental e médio do município de Araçoiaba da Serra SP. Destacamos as violências reproduzidas pela escola e seus agentes – professores, diretores, alunos e funcionários.

Partimos do pressuposto que não existe uma violência, mas um conjunto de violências que precisa ser contextualizado. A questão da violência não é novidade, sempre fez parte de qualquer sociedade. O que podemos registrar de novo reside nas diferentes abordagens endossadas por intelectuais, movimentos sociais, partidos políticos, especialistas e interessados sobre a questão. Dessa maneira, o que não representava passou a ser e o que existia ocupa uma nova realidade na sociedade urbana e rural. Pontualmente, a violência que discutimos é polissêmica e não pode ser subtraída do social, pelo contrário, ela dele faz parte e sem ele não se obtém materialidade do objeto. Historicamente, a representação simbólica das violências foi omitida entre profissionais, especialistas e autoridades, posto se tratar de um instrumento de poder que determina as relações entre dominantes e dominados. O mesmo ocorreu e ocorre no cotidiano da escola onde as relações de poderes interditavam a discussão franca e aberta entre seus atores; questões amplas que abordaremos a partir do paradigma de violência intermediária, isto é, grosso modo, entre a concreta e a intermediária. A pauta discursiva da pesquisa examinará a habilidade de negociação com as violências entre aqueles que exercem papéis definidos na escola. Finalmente, examinamos a habilidade dos professores, diretores, alunos e funcionários em negociar com as manifestações violentas do cotidiano escolar.

SOBRE O REFERENCIAL TEÓRICO

Violência é um termo polissêmico com diferentes significados e precisa ser contextualizado.

Para Débarbieux (2002), atribuir o termo violência a uma ampla variedade de fenômenos é uma abordagem conceitual limitada, contesta a concepção teórico-metodológica empregada por Chesnais, que valoriza apenas as definições centradas no núcleo bruto da violência, ou seja, a violência física (concreta) e que é a mais grave, ignorando a existência da violência simbólica ou moral, à qual, segundo Chesnais, trata-se de um mau uso da linguagem, e é específica entre intelectuais ocidentais.

Charlot (2002), apresenta forte referencial na abordagem teórico-metodológica ao analisar a violência escolar e as distinções conceituais. Ele aponta as seguintes distinções: violência na escola, à escola e da escola, onde a violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, no entanto, desvinculada das atividades da instituição escolar, quando esta é apenas utilizada para a prática de uma conduta que poderia ter ocorrido noutro lugar. A violência à escola encontra-se nitidamente ligada à natureza e às atividades da instituição escolar; quando os alunos agridem e insultam professores, provocam danos, praticam atos de violência que atingem a instituição. A violência da escola representa uma violência institucional e, portanto, simbólica, que os próprios alunos suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam, tais como a imposição de tarefas, disciplinamento e avaliações de conteúdos desconsideradas de respectivos contextos.

Tocqueville (1977) subsidia nossas reflexões a partir da concepção de que conflitos são inerentes a qualquer organização social e sempre existiram formas pacíficas de contemporalizá-los, portanto, a violência é passível de negociação.

No conjunto reflexivo, identificamos que os professores, diretores e funcionários adotam corretivos violentos para lidar com as agressões escolares. Outra constatação encontra-se nas técnicas disciplinares que, empregadas pelos atores escolares, fazem com que as pessoas aceitem o poder de punir e serem punidas como práticas naturais e legítimas. Questões apropriadamente discutidas por (GUIMARÃES, 1996), apontando - todos vigiam e punem ao mesmo tempo em que são vigiados e punidos.

Baseando-se nos estudos de Foucault, podemos afirmar que o ambiente escolar vem a assemelhar-se aos manicômios, às prisões, em nada evidenciando a real função da escola de promover o ensino e formar cidadãos, pois no trato com a violência aumentam-se os muros da escola, instalam-se câmeras de vigilâncias, solicitam-se reforços policiais, presumidamente centrados nos conflitos do

cotidiano escolar, tais como brigas, depredações, uso de drogas, supostamente, o que justificaria o emprego de medidas panópticas, isto é, o Panóptico, idealizado por Jeremy Bentham, demonstrado por Foucault como sendo um aparato óptico e econômico que possibilita a fiscalização eficiente e permanente.

O princípio é conhecido: na periferia como construção em anel: no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito de contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos teatros, em que cada autor está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido: antes, de suas três funções - trancar, privar de luz e esconder – só se conserva a primeira e suprimem-se as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha. (FOUCAULT, 2001, p. 165-6)

Parece-nos que na escola atual brasileira a arquitetura dos prédios escolares permite aproximação ao panóptico de Bentham, cujo efeito mais importante é, segundo Foucault, induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder, tornando a vigilância permanente em seus efeitos, mesmo que seja descontínua em sua ação.

Quando a escola emprega medidas e instrumentos coercitivos, reforçando a vigilância, o objetivo único é o controle permanente dos atores da escola, invadindo privacidades inerentes à liberdade de expressão em um estado democrático. São ações continuadas que promovem atmosferas de medo e insegurança por intermédio da visibilidade sempre aparente de ser sempre observado para ser condenado. (FOUCAULT, 2001)

No nosso entender, a escola deve proporcionar sucesso, principalmente aos jovens de classes menos privilegiadas, visando assim reduzir desigualdades sociais. Spósito (2001), ao analisar tal questão, enfatiza que a crise pela qual passa a instituição escolar – de desorganização - denuncia o fracasso no cumprimento das promessas de integração social, uma vez que a inserção dos jovens no mer-

cado de trabalho, por via do sistema público de ensino, é mais reduzida, gerando uma frustração do aluno com relação à escola. Essa frustração pode ser a causa de uma violência.

Segundo análise de Bourdieu (1998) analisa a violência simbólica ou institucional ou moral e aquela que se manifesta numa relação de poder, dissimulando relações de força, por vezes compreendida como a falta de permanecer na escola por tantos anos; um ensino que gera desprazer, que obriga os alunos a aprender matérias com conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os jovens no mercado de trabalho ao término dos estudos; a violência das relações de poder entre professores e alunos e também podemos elencar a insatisfação profissional dos professores.

Também como forma de violência, apontamos a violência intermediária concebida pelo Grupo Interdisciplinar de Pesquisa – PODIS (Poder e Disciplinamento nas Instituições Escolares de Sorocaba – SP) – Programa de Mestrado em Educação – Uniso. Trata-se de uma nova abordagem que discute o universo entre as violências, onde a discussão conceitual enseja cautela, pois se trata de um novo paradigma que não se restringe estar entre uma violência e outra, e neste sentido, é inconcebível pensá-la com um espaço entre a violência concreta e simbólica, notadamente, a questão é mais desafiadora e torna a violência intermediária o paradigma que se sustenta na acepção de violências, que precisa de contextualização.

SOBRE A METODOLOGIA

A pesquisa pauta-se por investigações interdisciplinares, verificando a habilidade dos atores do cotidiano escolar em negociar com as manifestações violentas. Nesta perspectiva, o Estudo de Caso mostrou-se um instrumento adequado à verificação das hipóteses construídas. Salientamos se tratar de um recurso metodológico ao invés de uma metodologia. Estrategicamente, ele apontou as variáveis qualitativas e quantitativas, salientando as deficiências ou habilidades de se encaminhar propostas adequadas para conflitos. Ficou evidente que, na maioria das vezes, professores, diretores, funcionários e alunos não obtêm êxito ao que se propõem a realizar.

A pauta da interdisciplinaridade converge para as informações qualitativas, levando-se em consideração os dados quantitativos. Esses não respondem por uma realidade, mas são indicadores de uma situação e contexto, o que torna razoável e de bom senso estabelecer que a leitura final da pesquisa é construída pelo pesquisador. Destacamos que o universo metodológico envolve 13 escolas públicas do ensino fundamental e médio das redes municipal e Estadual de Ara-

çoiaba da Serra, compreendendo um total de 248 professores, 5.423 alunos, 13 diretores e 118 funcionários.

A NEGOCIAÇÃO

A negociação é pivô estrutural das análises, merece atenção especial. Fundamentalmente, associa-se ao sentido de entendimento, composição e diálogo.

Defendemos a prática de ações negociadas com os atos de violência no âmbito escolar, buscando alternativas que diminuam o clima de violência, mediando idéias, propósitos ou interesses, visando ao melhor resultado possível, de tal modo que as partes envolvidas mantenham as negociações como protagonistas, criem oportunidades para apresentar suas reivindicações coletivas em detrimento de posições individualizadas.

Medrado (2002) aponta que o Brasil não possui tradição em negociar com as ações consideradas nefastas e que as instituições e políticas públicas insistem em adotar estratégias que buscam extirpar o problema através da assepsia social, consistindo nos corretivos violentos que conhecemos.

Maffesoli (1987) enfatiza que a luta é o fundamento de qualquer relação social, no entanto, aponta que ela pode modular-se de maneiras pacíficas, como a diplomacia, a negociação e a regulação, e aponta ainda ser possível negociar com relações conflituosas, quando se refere à luta, o que pensamos não ser diferente do negociar com a violência.

Abramovay (2004) chama de escolas inovadoras aquelas que possuem capacidade de integrar projetos e ações em seu cotidiano. As ações preventivas são instrumentos de negociação.

A INTERDISCIPLINARIDADE

Para negociar com as ações consideradas violentas, defendemos uma postura metodológica pautada na interdisciplinaridade, no exercício das diferenças, que enseja uma relação com o outro, partindo-se do diálogo, no inconcluso, da não fragmentação do conhecimento, assumindo posturas inovadoras e criativas que reajam à abordagem disciplinar normalizada.

Entende-se por atitude interdisciplinar: atitudes daqueles que não fragmentam conhecimento e valorizam a bagagem dos envolvidos, postura inconclusa para conhecer mais e melhor; atitude de interação contextual dos fatos, relações de reciprocidade e trocas, atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio – desafio perante o novo, desafio em redimensionar o

velho – atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e com as pessoas neles envolvidas, atitude pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade, mas, sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, enfim, de vida, são reflexões re-significadas a partir da conversação com Fazenda (2001).

Eis algumas virtudes das práticas interdisciplinares durante a habilidade de dos diretores, professores, alunos e funcionários na negociação com as violências nas escolas.

CERTEZAS PROVISÓRIAS

Os estudos apontam que a miséria e fatores sociais, apesar de serem pontos fecundos ao desenvolvimento da violência, não são a causa principal desta; vislumbra-se também que os professores e as instituições não percebem que também são produtores de violência, pois para estes, a violência é produzida pelo criminoso e a questão da violência simbólica não se demonstra muito clara na percepção dos professores e diretores que, às vezes, até banalizam a produção da violência simbólica.

A violência é um termo polissêmico e, portanto, não se define. Manifestações consideradas pelo senso comum como atos de violências só podem ser considerados com tal, quando analisados seus contextos, os atores, o exercício das diferenças, com uma postura interdisciplinar, e qualquer tentativa de conceituar violência, não se levando em conta seu contexto, negligencia a investigação e configura uma limitação conceitual.

Propomos que os atos de violência ocorridos nas escolas não sejam alvos de encaminhamentos à polícia, ao conselho tutelar, à diretoria, mas que sejam adotadas medidas com ações negociadas.

A investigação apontou como resultados de que as escolas públicas das redes municipais e estaduais de ensino fundamental e médio de Araçoiaba da Serra-SP valem-se do diálogo como forma de negociação com os atos de violência, contrariando a tese de que as instituições brasileiras fazem uso de corretivos violentos (procedimentos disciplinares) para coibir os atos de violência.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam (Coord.) et al. **Escolas inovadoras: experiências bem sucedidas em escolas públicas**. Brasília: UNESCO; Ministério da Educação, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 8, jul./dez. 2002.

DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine (Orgs.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: Unesco, 2002.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambiguidade**. Campinas: Autores associados, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência**. Tradução: Cristina M. V. França. São Paulo: Vértice, 1987.

MEDRADO, Hélio Iveson Passos. Poder e Disciplinamento nas Instituições escolares de Sorocaba. **Quaestio: Revista de estudos de educação**, Sorocaba, ano 04, n. 2, nov. 2002.

SPÓSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educ. Pesq.**, São Paulo, v. 27, n. 1, 2001.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**. Tradução e prefácio de Neil Ribeiro da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1977.